

REPRESENTAÇÃO DO FEMININO: AS MÚLTIPLAS IDENTIFICAÇÕES DAS TORCEDORAS DE FUTEBOL

Daniela Torres de Araújo¹

Resumo: O presente trabalho busca reconhecer as múltiplas formas de identificação das mulheres frequentadoras de estádio, especificamente, entre as torcedoras do Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. A fim de reconhecer as nuances de uma identidade geralmente percebida como um bloco homogêneo em suas formas de torcer, midiática e academicamente, desconsiderando as múltiplas experiências das torcedoras. Para tanto, foi aplicado questionário entre os dias 24 de outubro de 2019 e 30 de novembro de 2019, obtendo um universo de 101 mulheres frequentadoras de estádio. O trabalho concluiu que a identidade de torcedora não é uma categoria de definição única, bem como o conceito mulher abarca uma gama de particularidades do ser.

Palavras-chave: Futebol; Torcida; Estádios; Representação Feminina.

Female Representation: The Multiple Identifications of Female Soccer Supporters

Abstract: The present work seeks to recognize the multiple forms of identification of female supporters that attend stadiums, specifically, among the fans of the Club de Regatas Vasco da Gama, in Rio de Janeiro. In order to recognize the many nuances of an identity generally perceived as a homogeneous block in its forms of cheering, media and academically, disregarding the multiple experiences of the fans. For this, a survey was applied between October 24, 2019 and November 30, 2019 to 101 women attending stadiums. The research concluded that the supporter identity does not have a single definition category, and the concept of 'woman' reunites a range of particularities of being.

Keywords: Soccer; Supporters; Stadiums; Female Representation.

Representación del Femenino: Las Múltiples Identificaciones de Las Aficionadas De Fútbol

Resumen: El presente trabajo busca reconocer las diferentes formas de múltiples de las mujeres que frecuentan los estadios, específicamente, entre las aficionadas del club de Regatas Vasco de Gama, de Rio de Janeiro. Con el objetivo de reconocer las matices de una identidad generalmente percibida como un bloque homogêneo en sus formas de apoyar, mediática y academicamente, desconsiderando las múltiples experiencias de las aficionadas. Por lo tanto, fue aplicado un cuestionario entre los días 24 de octubre de 2019 al 30 de noviembre de 2019, obteniendo un universo de 101 mujeres que frecuentan estadios. El trabajo concluyó que la identidad de la torcedora no es una categoría de definición única, porque el concepto de mujer abarca una gama de particularidades del su ser.

Palabras claves: Fútbol; Aficionada; Estádios; Representación Femenina,

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, da Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação (PPGHPBC – FGV/CPDOC), bolsista PROSUP – Capes. E-mail: daniela.araujo@fgv.edu.br. Rio de Janeiro, Brasil.

Introdução

O futebol profissional brasileiro é pensado para e por homens. É fácil comprovar essa afirmativa do senso comum. Basta observar que torcemos para um grupo de onze homens contra outros onze, sob o comando de uma equipe técnica e administrativa formada, quase exclusivamente, por homens. E o jogo em si é, geralmente, arbitrado e narrado por homens. O futebol, portanto, ainda é um ambiente majoritariamente masculino, como afirma Norbert Elias (1993), e entendido massivamente como um espaço de formatação da masculinidade, pautada pela agressividade, esperada para indivíduos do sexo masculino. A mulher, portanto, é uma invasora do *locus* de exacerbação da virilidade máscula.

Entretanto, a mulher é figura marcante e presente na história do esporte, desde a sua introdução em território brasileiro. O mito de origem do termo torcida é referente a presença e ação das mulheres nos jogos do Fluminense Football Club, por exemplo (MALAIA, 2012). Bem como a Dona Chiquitota está marcada na história da formação do Botafogo Futebol e Regatas e Tia Dulce Rosalina tem notoriedade na torcida do Club de Regatas Vasco da Gama. Isto é, seja na arquibancada ou em qualquer outra área de desenvolvimento do esporte, a mulher sempre foi atuante para o crescimento do futebol no Rio de Janeiro e no país.

Embora a presença feminina e a história dos clubes do Rio de Janeiro sejam indissociáveis, é notório o apagamento sofrido na narrativa das agremiações e do próprio desporto em território brasileiro. Segundo Pfister (2013):

Até recentemente, mulheres fãs de futebol têm sido bastante invisíveis, pelo menos no discurso científico sobre futebol e seus seguidores. A esmagadora maioria dos estudos e publicações sobre fã se concentra nos homens (PFISTER et al, 2013, p. 03).

Mesmo quando a mulher é reconhecida no discurso acadêmico, esta é entendida, na maioria dos casos, como um bloco homogêneo de representações e modos de torcer. Ou seja, como torcedores ligadas a ideais feministas, avessas a atos de desordem e violência, que reivindicam espaço nas arquibancadas e lutam contra as diferentes formas de assédio, verbal e/ou físico, no ambiente futebolístico. Assim, podemos entender que a fã de futebol sofre uma dupla homogeneização quanto a sua identificação, primeiro com relação ao seu gênero e segundo relativo à categoria torcida.

Simone de Beauvoir (1949), ao propor a desconstrução da identidade de gênero, indica que a categoria mulher é um conjunto de identificações múltiplas a partir da interseção das forças de poder de ordem social que imbricam no indivíduo. Assim, uma mulher é um produto das experiências e das relações de poder que impactam sobre a

pessoa no universo social ao qual está inserida. Ou seja, a categoria “ser mulher” é um conjunto de representações de identidades femininas mais ou menos aproximadas ao padrão estabelecido no espaço-tempo de determinada sociedade e desenvolve-se a partir das mudanças no *ethos* social.

A categoria torcida, nos estudos sobre futebol, também tende a homogeneizar um aglomerado de indivíduos sob um conjunto de “lógicas simbólicas” (TOLEDO, 2002) das representações das práticas do torcer. Assim, espera-se que a torcida de futebol obedeça a uma ordem específica de ideologia e performances no ato de apoiar o clube de devoção. Durante o período das décadas de 1940 e 1950, houve um crescimento do número de torcedores de futebol e o esperado na performance torcedora era a obediência a ordem de um líder para a realização de uma festa carnalizada nas arquibancadas (HOLLANDA, 2012).

Desde, então, o modo de torcer foi-se desenvolvendo de acordo com o contexto da estrutura de poder na qual o futebol está inserido. Assim, passamos de uma torcida única e ancorada na figura do líder para uma proliferação de torcidas dissidentes, revelando a associação por outros fatores sociais além do clube de adoração. Tais como, aproximação geográfica (as torcidas de bairro), gênero (grupamentos ou associações femininas), hábito (torcidas chopp e relacionadas a uso de drogas ilícitas), sexualidade (torcidas gay) e geracional (torcidas jovens). Mais recentemente, é observado nas arquibancadas brasileiras o crescimento de associações e grupamentos que tendem a se afastar o estigma de torcida organizada, como as barras bravas e os movimentos.

Apesar da nomenclatura referir às torcidas da América do Sul, estigmatizadas por sua violência, as barras brasileiras tendem a se identificar a partir das festas nas arquibancadas com cânticos durante todo o tempo do jogo, independente do placar, faixas e bandeirolas (LOPES e CODEIRO, 2010). Com relação ao espetáculo, observamos nos estádios, a principal diferença entre as barras e as torcidas organizadas é a não utilização das bandeiras de 4x4 metros e a bateria tem similaridades com bandas de charangas, ao invés de baterias de Escola de Samba.

O movimento ainda é um fenômeno que merece ser melhor explorado academicamente. Caracteriza-se por ser um grupamento fortemente ligado a questões político e sociais para além do esporte, tal qual o Movimento Vascaínas Contra o Assédio. Ele pode ser formado por membros de diversas torcidas do clube ou por torcedoras não associadas aos grupamentos. Importante ressaltar que, apesar da sua importância na cultura do torcer, os movimentos geralmente não se caracterizam como uma torcida.

O presente trabalho, portanto, propõe-se a introduzir uma desconstrução da homogeneidade do olhar sobre a categoria mulher torcedora. É preciso entender que diferentes fatores sociais impactam na identificação da mulher e na sua percepção enquanto torcedora nas arquibancadas de futebol. Para tanto, foi elaborado um questionário, via

internet, com um total de 101 mulheres torcedoras do Club de Regatas Vasco da Gama, entre os dias 24 de outubro de 2019 e 30 de novembro de 2019, restrito a frequentadoras de estádio de futebol, especificamente São Januário.

Além disso, a fim de entender as dinâmicas das formas-representações² (TOLEDO, 2002) do torcer das mulheres frequentadoras das arquibancadas vascaínas, foi realizada uma análise etnográfica da representação dos grupamentos de torcedores. Assim, é possível compreender, mesmo que inicialmente, as diversas identificações do ser mulher presentes no evento futebolístico.

A escolha do clube analisado passa por questões de acessibilidade ao local dos eventos analisados e pelo fato do clube ter sua história marcada por ações femininas nas arquibancadas de futebol, tanto nas décadas de 1950 e 1960, com a liderança de Dulce Rosalina na Torcida Organizada do Vasco (TOV), quanto atualmente com a iniciativa do Movimento Vascaínas Contra o Assédio. Então, entender e identificar essas representações de gênero dissonantes também é um esforço para ampliar a, ainda introdutória, discussão sobre gênero nas torcidas de futebol brasileiras. Visto que o futebol é mais que um modelo social, é um microcosmo da vida social (GUILIANOTTI, 2004).

Para tanto, o trabalho analisa o universo de mulheres primeiramente a partir de aspectos socioeconômicos, a fim de entender e delimitar qual o perfil das torcedoras observadas. Assim, é possível compreender as diversas formas de poder que incidem sobre essa torcedora frequentadora de estádio e impactam na sua performance nas arquibancadas e na sua relação com o clube.

Posteriormente, o estudo debruça-se sobre a caracterização dos perfis das torcedoras de acordo com suas práticas e performances. Para isso, é preciso levar em consideração alguns questionamentos. A torcedora é associada ou membro de algum grupamento? Qual sua relação com o estádio e o seu entorno? Qual a sua frequência nas partidas de futebol? Como é a sua relação institucional com o clube? Qual a sua relação emocional com o esporte e o ato de torcer?

A categoria mulher, bem como a categoria torcedora, é um macro conjunto que abarca diversas formas de identificação e de representação do indivíduo presente na sociedade e nas arquibancadas de futebol. O presente trabalho, portanto, visa prioritariamente observar as tensões e forças que impactam sobre as categorias analisadas. Assim, podemos identificar diferentes formas de torcer dentro de um mesmo grupo constantemente homogeneizado.

Perfil socioeconômico das torcedoras analisadas

² Luiz Henrique de Toledo, em *Lógicas no Futebol* (2002), descreve o conceito de “formas-representações” como um conjunto de autorrepresentações das práticas dos atores futebolísticos. Ou seja, as formas de jogo, tal qual futebol-arte, são “índices de um processo sempre negociado de identificações de grupos, eventualmente de toda uma coletividade, base da relação entre sociedade e futebol” (p. 220).

No período compreendido entre 24 de outubro de 2019 e 30 de novembro de 2019, foi aplicado o questionário, via internet, entre torcedoras vascaínas. Obtivemos 101 respostas entre as frequentadoras, mesmo que raramente, do Estádio São Januário. Tal requisito é de suma importância, uma vez que a pesquisa é centrada na vivência das torcedoras na arquibancada do seu time de futebol.

Importante ressaltar que o universo pesquisado é apenas uma amostra do total de mulheres frequentadoras das partidas do Vasco da Gama em seu campo, representadas por aquelas que tem acesso à internet e se dispuseram a responder às questões propostas. Os perfis de torcedoras frequentadoras de estádio de futebol não se esgotam nessa pesquisa.

Dentre as respostas analisadas, obtivemos um perfil socioeconômico variado, no qual 89% declaram-se solteiras, 8,9% casadas e 1% divorciada, com faixa etária entre 15 e 47 anos. Entretanto, a partir da observação *in loco*, é possível perceber que há ainda um enquadramento não contemplado na pesquisa de senhoras com 50 anos ou mais de idade que costumam ir com regularidade aos jogos do seu time de adoração. Tal perfil de torcedoras ainda carece de análise mais aprofundada, visto que contradiz a ideia de que o interesse das mulheres por futebol é recente em relação ao torcedor masculino.

Além disso, é possível inferir que o alargamento da faixa etária obtida indica a contínua participação das mulheres nos estádios. Ou seja, apesar do interesse midiático pela relação do público feminino de futebol ser um movimento que ganha ênfase mais recentemente, a presença de torcedoras no estádio é comum desde a inserção do esporte em território brasileiro.

[...] o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. Nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas (COSTA, 2006, p. 07).

A escolaridade é o indicativo que obteve maior diversidade, é possível identificar torcedoras ainda por terminar o ensino fundamental, cerca de 1%, e pós-graduandas, aproximadamente 14% (gráfico 1). Importante ressaltar que a diversidade de escolaridade é diretamente proporcional a variações da faixa etária. Entretanto, é significativo o número de mulheres com nível escolar superior ao nível médio. Aproximadamente 60% daquelas que se dispuseram a responder à entrevista, possuem entre ensino superior incompleto e pós-graduação.

Esta elevação do letramento das torcedoras analisadas é um fator que impacta na relação da fã de esporte com a instituição, a torcida e o estádio de futebol. Visto que a escolaridade é diretamente relacionada ao

poder econômico. Assim, questões de classe também impactam na performance torcedora.

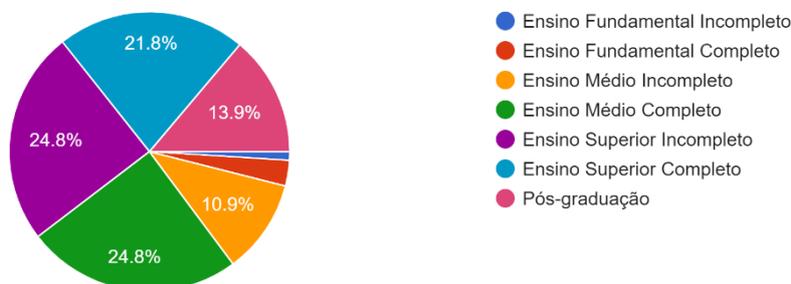


Gráfico 1: Diversidade da escolaridade das torcedoras vascaínas

Quando questionadas sobre a sua relação institucional com o clube, apenas 6,9% afirma ser sócia estatutária do Vasco da Gama. Apesar de campanhas para atrair o público feminino, como o desconto de 20% no valor da taxa de adesão, denominada joia, aprovado pelo Conselho Deliberativo da agremiação em 26 de fevereiro de 2018, o resultado ainda demonstra certa elitização do quadro de associados do clube. Ou seja, mesmo após a popularização do futebol e da massificação das torcidas ocorrida na década de 1950 (HOLLANDA, 2012), tornar-se sócia com direito a voto ainda permanece como um traço de distinção social. Destas sócias estatutárias, cerca de 83% declaram ter pós-graduação e 16,6% afirma possuir ensino superior completo. Fato que demonstra certo status socioeconômico elevado na sociedade brasileira.

Conforme A. Santos (2013), a primeira alteração estrutural do futebol, a possibilidade de participação de outras classes sociais no jogo, demarca a saída da exclusividade da elite do campo para os cargos diretivos dos clubes (SIMÕES e SANTOS, 2018).

Importante ressaltar que o período final da coleta dos dados coincidiu com o aumento expressivo de sócios torcedores do Club de Regatas Vasco da Gama, devido a uma ação promocional. Este fato também reflete na pesquisa, visto que 64,4% afirmam ser sócias torcedoras. É notória a diferença entre o quantitativo de sócias estatutária e sócias torcedoras do clube.

Irlan Simões e Anderson dos Santos (2018) afirmam que esta modalidade de associação é pautada pela relação mercantil do futebol. Assim, as sócias torcedoras não fazem parte da democracia do clube, mas fazem a diferença na receita financeira da agremiação. Ou seja, a torcedora passa a obedecer a uma lógica de consumidora do produto futebol.

E é nesse processo material e simbólico de tentativas de reestruturação do profissionalismo ampliado que está sendo gestada timidamente essas novas modalidades do torcer, a de

sócios-torcedores, que contempla os requisitos necessários à transição da condição genérica do torcedor para a de 'consumidor esportivo' (TOLEDO, 2002, p. 244).

Apesar da restrição quanto a participação na política do clube, o expressivo número de sócias torcedoras ao clube indica que as mulheres possuem a liberdade de se associar a agremiação de adoração sem a necessidade de validação masculina. Fato que aponta o desenvolvimento da participação feminina na sociedade brasileira, dado que, no início do Século XX, as mulheres eram proibidas de se associarem aos clubes (MALAIA, 2012, p. 62). O público feminino passa a ter notoriedade no universo futebolístico, mesmo que apenas financeiramente como parte da receita fixa dos cofres do clube.

Podemos, portanto, inferir que a mulher recentemente conquistou a possibilidade de autocriar a sua identidade torcedora, tal qual afirma Leda Maria Costa (2006). Assim, a fã de futebol deixa de ser uma intermediária, associada ao futebol apenas como dependente da vinculação com o homem torcedor (MALAIA, 2012, p. 62), e passa a ser observada como efetivamente torcedora e consumidora do produto futebolístico tanto para o clube quanto para a mídia. Em resumo, a condição feminina, neste caso torcedora, afasta-se da subjugação (TIBURI, 2018) e ganha notoriedade no universo futebolístico, mesmo que pelo viés do consumo.

Contudo, não podemos esvaziar a importância das sócias torcedoras na sociabilidade dos estádios. Uma vez que a sua participação econômica reflete o desenvolvimento da participação feminina na sociedade e do esporte enquanto mercado no universo econômico mercantilizado. Isto é, as mulheres passam a ser sujeitos das suas atividades econômicas e de lazer.

Com relação a sua frequência no estádio, 30% das entrevistadas afirmam ir a todos os jogos em São Januário. Enquanto 57,4% vão a alguns e apenas 13% declara ir raramente às partidas realizadas pelo Club de Regatas Vasco da Gama como mandante. A sensação de seguridade, tanto na arquibancada quanto no em torno do estádio, é um índice que pode ser relacionado ao ambiente masculinizante do futebol e impacta na frequência da torcedora. Cerca de 58% afirmam não se sentir segura para ir ao jogo sozinha. Entretanto, 74% afirmam que São Januário é um ambiente seguro.

Norbert Elias (1993) afirma que este espaço é reservado ao ensinamento de como ser um homem socialmente aceito através da exacerbação da virilidade e da agressividade masculina. Entretanto, o fato de grande parte das mulheres sentirem segurança neste ambiente denota a sensação de conforto em estar acompanhada de um grupo. Aproximadamente 90% costumam ir ao estádio acompanhadas (gráfico 2), geralmente de amigos, familiares e/ou torcida organizada.

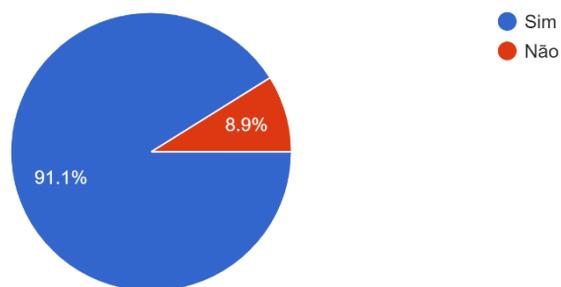


Gráfico 2: Percentual de mulheres que costumam ir acompanhada aos jogos

O Estádio de futebol não é somente um ambiente de disputas de poder, mas um espaço disciplinador (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2006). É neste ambiente que o comportamento dos atores sociais é transmitido e ressignificado entre seus novos participantes. Portanto, o comportamento nas arquibancadas se desenvolve de acordo com o conjunto de forças que incidem socialmente nos indivíduos de determinado período histórico. No período de inserção do futebol no Brasil, as torcedoras frequentavam as arquibancadas a fim de serem apresentadas para a sociedade e obter um relacionamento com um bom partido (MALAIA, 2012). Já nas décadas de 1950 e 1960, o comportamento esperado era de apoiar o seu time incondicionalmente e abrilhantar o espetáculo com inovações na festa das arquibancadas, como podemos observar durante o período de liderança de Dulce Rosalina na Torcida Organizada do Vasco (ARAÚJO, 2018).

No que diz respeito ao comportamento feminino nas arquibancadas, apenas 1% das questionadas afirma não concordar com mulheres chefiando torcidas organizadas e manuseando bandeirões. Ademais, quando questionadas a relatar o que não é adequado para uma mulher na arquibancada, a maioria afirma que não existe comportamento inadequado exclusivamente para mulheres. Estas devem obedecer a regras gerais de comportamento em sociedade, válidas para todos os gêneros. Entretanto, é possível observar que algumas se opõem a nudismo, sexualização do corpo e até a não participação ativa na performance torcedora com cantos e gestos.

Nudismo não é adequado. Cito como exemplo a torcedora do Grêmio que tirou a camisa no jogo deixando apenas um adesivo, algo que fortalece a sexualização da mulher e não ajuda na nossa luta por igualdade nos estádios. Ainda não chegamos em um nível de maturidade social para tal atitude, porque ainda somos muitas sexualizadas (torcedora 63, 17 anos).

É interessante perceber que a sexualidade feminina ainda é entendida como um tabu, mesmo quando questionada a mulheres. Isto

é, ainda entre as mulheres há um certo engessamento da categoria mulher aceitável socialmente. Assim, ser mulher é uma representação social de identidade fixa, feminina, compulsoriamente heterossexual, forte emocionalmente e delicada (BUTLER, 2017). O futebol, segundo Dunning (1997), é um espaço de incorporação e disseminação de “valores andriarcais”. Esta concepção de masculinidade do espaço futebolístico está presente inclusive no imaginário das torcedoras frequentadoras das arquibancadas vascaínas. A inadequação da exposição voluntária do corpo feminino, apesar de normalizado para torcedores homens, ainda é visto como um ato ofensivo.

Não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo do seu corpo, elas devem ser donas de seu corpo reprodutivo (TIBURI, 2018, p. 37).

No geral, as torcedoras entrevistadas consideram a presença feminina no estádio como um ato feminista. Visto que representa a resistência feminina em um ambiente “majoritariamente masculino” (ELIAS, 1993). Além disso, estar no estádio de futebol é um movimento de ocupação feminino dos espaços sociais. Entretanto, essa visão ideológica de aceitação do feminismo nas arquibancadas não é unânime entre as torcedoras. Cerca de 9,5% das entrevistadas não concordam com essa afirmativa. É preciso desconstruir a ideia generalizante de que a torcedora de futebol entende o seu papel social na arquibancada como um ato feminista e de resistência.

Tanto pesquisas acadêmicas, quanto produtos midiáticos, costumam propagar a ideia de disputa entre as torcedoras e o ambiente futebolístico masculino. Ao mesmo tempo que as narrativas sobre o futebol reafirma o espaço masculino, elas também criam o imaginário da mulher adepta aos ideais feministas que utiliza a sua presença como forma de luta contra os valores de virilidade e masculinidade estabelecidos.

O universo de torcedoras entrevistadas contém tanto torcedoras pertencentes a torcidas organizadas, associações ou movimentos (aproximadamente 20%). Quanto torcedoras que se autodeclaram não integrantes de grupamentos nas arquibancadas, 80,2%. É significativo o algo percentual de torcedoras que se declaram torcedoras independentes. A tentativa de cunhar tal termo em substituição ao consagrado popularmente como “torcedor comum”, vem da tentativa de não atribuir valor de distinção entre ser especial ou relevante e ser comum nas arquibancadas. A “torcedora povão”, como é conhecida entre as organizadas, também tem importância na lógica torcedora, principalmente a partir da inserção da ideia de consumo clube-torcida-espetáculo com os programas de associação.

Torcedora independente

É fácil observar, nas arquibancadas de futebol, torcedores que preferem ir a jogos independente de grupamentos e associações. Assim,

cunhamos a nomenclatura de torcedor independente em substituição ao “torcedor comum” ou “torcedor povão”. Entretanto, este perfil identitário ainda é pouco estudado academicamente. Talvez pela dificuldade imposta pela multiplicidade de representações possíveis neste grupo de torcedores.

As mulheres não vinculadas a grupamentos e associações também são pouco estudadas e identificadas, apesar de ser um número crescente de consumidoras e de audiência. Geralmente, estas são relacionadas aos perfis masculinos que porventura podem acompanhá-las nos estádios. Esta mulher, geralmente, assume o papel de suporte emocional e social ao homem torcedor (ARAÚJO, 2018), não apenas ao time de devoção. A esta é implantada pela mídia a ideia de docilidade do ambiente familiar nas arquibancadas de futebol.

Dentre as 101 mulheres analisadas, 81 declaram não pertencer a associações e grupamentos. Destas torcedoras independente, cerca de 69% mantêm alguma relação institucional com o Vasco da Gama, entre sócia-torcedora e sócia estatutária. Enquanto, aproximadamente 31% não é associada ao clube.

O principal motivo para estas torcedoras não se filiarem a um grupamento de torcedoras é o estigma de violência presente no imaginário das organizadas, cerca de 46%. Entretanto, um dado interessante é o percentual de entrevistas que afirmam não se associarem a grupamentos por falta de oportunidade ou tempo para se dedicar às demandas da organização, aproximadamente 38% das entrevistadas independentes (gráfico 3).

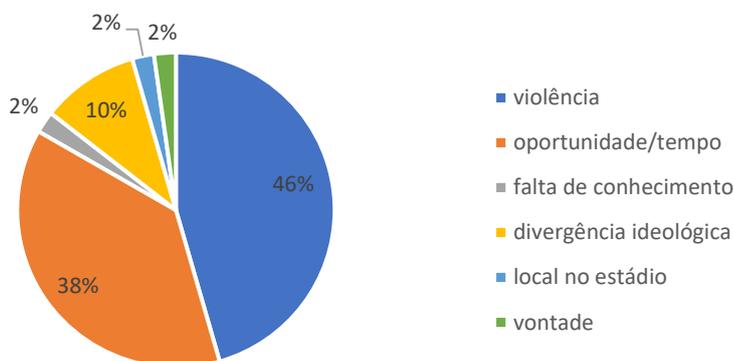


Gráfico 3: Motivação das entrevistadas para não ingressar em grupamentos

Apesar de não ingressarem em torcidas nas arquibancadas, 73% das entrevistadas afirmam que o ambiente da torcida organizada não é hostil a sua presença. Já os 27%, que afirmam se sentirem intimidadas nas torcidas, justificam-se pela ideia de que as torcidas são ambientes

majoritariamente masculinos. Portanto, há uma grande incidência de brigas, assédios e atos machistas.

Essa concepção de agressividade é encorajada na valoração do futebol pela competitividade exigida tanto dentro quanto fora dos campos (INGHAM, 2004). Além disso, as torcidas de futebol são entendidas como espaços nos quais o homem aprende a externar a sua virilidade e masculinidade. Ou seja, o imaginário da torcida organizada é de um ambiente masculino e viril, no qual o homem tem a liberdade de externar a agressividade não admitida em outros ambientes da sociedade moderna (ELIAS, 1993). As torcidas organizadas são marcadas no imaginário destas torcedoras pela “história da rivalidade violenta e da oposição simbólica própria a cada um” (LOPES e CORDEIRO, 2010, p. 77). Assim, no processo de esportificação da sociedade, a torcida organizada tem o papel institucional de limitação da convivência nas arquibancadas, atribuindo valor daquilo que é aceito ou não (INGHAM, 2004).

Entretanto, tal qual Elias afirma em sua sociologia do esporte, há uma dualidade de poder na relação torcedora independente e torcida, ou seja, apesar de não dominada, ambas necessitam da outra para a manutenção da hierarquia social nas arquibancadas (GIULIANOTTI, 2004). Essa manutenção da hierarquia social nas arquibancadas corrobora para sensação de segurança em São Januário, afirmada por 79,4% das mulheres questionadas, apesar de 58,5% declarar que não se sentem seguras em ir sozinhas para o estádio de futebol.

Portanto, para estas torcedoras, o trajeto e em torno do estádio é mais perigoso e hostil que a arquibancada. Levando em consideração que 59,4% destas torcedoras afirmam ir a alguns jogos e 21,7% a todos os jogos em São Januário. Isto é, aproximadamente 80% das torcedoras independentes frequentam com regularidade o estádio do Vasco da Gama.

Outra característica marcante das torcedoras independentes é o não envolvimento com brigas e o repúdio àquelas que se envolve em atos de desordem. Aproximadamente, 94% afirmam nunca ter se envolvido em brigas e 76% afirmam não ter sofrido violência no estádio de futebol. Aquelas que afirmam ter passado por algum tipo de violência, indicam a ação da polícia militar e o assédio como as principais agressões sofridas.

Assim, podemos caracterizar a torcedora independente como aquela que não se filia a qualquer grupamento de arquibancada, quer seja torcida organizada, associação ou movimento. É uma categoria de mulheres entre 16 e 30 anos, com ensino superior e solteira, que mantém alguma relação institucional financeira com o clube e costuma ir aos jogos acompanhada de familiares e amigos.

Entretanto, o estigma de violência não é a única motivação para o afastamento da torcedora destes grupos. A falta de tempo e oportunidade para dedicar-se às demandas é evidente nos dados. É notório perceber que a torcida ainda carrega o *ethos* de mantenedora da festa nas arquibancadas, apesar do imaginário machista e intimidante. Então, podemos inferir que a torcedora independente tem a liberdade de ir aos

estádios e assistir ao jogo próximo das torcidas responsáveis pela festa nas arquibancadas, sem manter uma relação associativa.

Torcedora Organizada vs Torcedora Filiada

É preciso compreender que ser torcedora organizada demanda uma série de características inerentes ao grupamento ao qual é associada. Isto é, uma torcida para ser considerada organizada obedece a uma série de regras e formalizações próprias do grupamento. Tais como, estatuto, uniformização e hierarquização de poder. Já outros grupamentos de arquibancada não obedecem a tais lógicas, como as barras bravas. Elas não possuem uma padronização de uniforme e não têm uma hierarquia social aparente, apesar de possuir um representante legal por exigência do Ministério Público e do Batalhão Especializado em Policiamento em Estádios (BEPE). Estas duas representações do torcer disputam o “significado simbólico do torcer” (TOLEDO, 2002). Ou seja, a prática torcedora, desde o processo de punição das Torcidas Jovens nos anos 2010, sofre uma modificação de militarizada para o retorno à carnavalização presente na década de 1950 (HOLLANDA, 2012).

Essa disputa na representação do torcer carece de mais aprofundamento nas pesquisas acadêmicas, visto que é um fenômeno ainda em consolidação nos estádios de futebol. Entretanto, na identificação das torcedoras é notório perceber um crescimento e uma mudança do *ethos* torcedor. A tentativa de cunhar o termo torcedora filiada para caracterizar aquelas ligadas a torcidas bravas, é um esforço importante de desvinculação destas mulheres com a torcedoras organizadas. Visto que estas não obedecem à mesma lógica e prezam por se afastar do estigma militarizado e hierarquizado das torcidas organizadas do Vasco da Gama.

No universo pesquisado, 12% declaram fazer parte de torcidas do Vasco da Gama. Divididas em Ira Jovem e Super Jovem com aproximadamente 8,4% cada, Mancha Negra com cerca de 17% e, empatadas com 33,3% cada, aparecem Força Jovem e Guerreiros do Almirante. Ou seja, dentre as torcedoras pesquisadas, a torcida estilo barra brava vem ganhando notoriedade. Concentrando-se especificamente nos dados igualitários das duas torcidas em disputa pelo poder simbólico do torcer, podemos verificar diferenças na representação da identidade das mulheres organizadas ou filiadas.

A torcedora organizada caracteriza-se por ser sócia torcedora do clube entre 15 e 30 anos, ir sempre acompanhada aos jogos de amigos ou familiares e a maioria identifica-se como solteira, 75% das organizadas entrevistadas, e 25% declaram ser casadas. Quanto a escolaridade, as torcedoras possuem ensino médio e superior, 50% cada categoria. Apesar de fazer parte da torcida organizada, apenas 25% afirmam que o grupamento não é hostil a sua presença.

Cerca de 75% das organizadas não se sentem seguras em ir ao estádio de futebol sozinhas, este mesmo percentual é encontrado quando

perguntadas se já sofreram violência. Além disso, 50% das entrevistas afirmam ter se envolvido em brigas de torcida. Algumas, inclusive, afirmam gostar de participar (como a entrevistada 89, 22 anos) e ser uma forma de defesa da mulher (entrevistada 76, 26 anos).

A frequência nos estádios, especificamente relacionada à torcedora ligada à Força Jovem do Vasco, é um dado que sofre a influência da punição da torcida. Assim, por mais que 75% afirmem frequentar alguns jogos e 25% a todos os jogos em São Januário, estas mulheres não podem ir caracterizadas como pertencentes à torcida organizada. O dado também nos indica o problema da forma de punição às torcidas acusadas de atos de desordem, visto que o grupamento está impedido de frequentar as partidas, mas seus membros continuam presentes nas arquibancadas de São Januário.

Já com relação às torcedoras filiadas, 75% são sócias torcedoras e 25% sócias estatutárias entre 15 e 30 anos, solteiras, com escolaridade entre ensino médio e pós-graduação. Além disso, a filiada caracteriza-se por declarar frequentar todos os jogos em São Januário e sempre ir acompanhada de amigos, familiares e a própria torcida. Ainda que filiada a um grupamento, todas as mulheres entrevistas declaram considerar o ambiente de torcida hostil a sua presença e ter sofrido violência no estádio. Além disso, 75% das torcedoras filiadas declaram ter participado de brigas de torcida. Entretanto, 50% se sentem seguras em São Januário.

Apesar da tentativa de afastamento do estigma de desordem e militarização das torcidas organizadas, as barras bravas ainda possuem um caráter violento. Assim, podemos afirmar que, apesar das diferenças significativas na identidade feminina pertencente aos dois grupamentos de torcida, em ambas o limite moral do grupo ao qual está inserido é o determinante para a valência positiva ou negativa da ação (INGHAM, 2004). Isto é, a partir de do momento que se inserem no contexto de grupamentos torcedores, as mulheres assumem a “forma-representação” (TOLEDO, 2002) que aceita o ato de desordem como legítimo à prática do torcer.

Portanto, podemos inferir que torcedoras organizadas e filiadas possuem diferenças identitárias significativas, principalmente na sua relação institucional com o clube e com a segurança do estádio. Entretanto, ambas possuem maior flexibilidade quanto a aceitação da briga de torcida. Visto que entendem que a mulher precisa defender a si e aos seus companheiros de torcida. Assim, contrapondo-se à ideia de mulher como apenas suporte emocional (ARAÚJO, 2018) do homem torcedor.

Considerações Finais

A tentativa de taxonomia da torcedora de futebol, tal qual realizada por Richard Giulianotti (2012), não é um esforço final. Ainda há uma gama de representações femininas, não explorada neste trabalho, presentes nas arquibancadas cariocas e brasileiras. Há mulheres dos

mais variados grupos, étnicos, econômicos, etários e ideológicos frequentadoras de arquibancadas e alvo de ações promocionais da mídia e dos clubes.

Neste estudo, pudemos compreender três representações identitárias básicas na arquibancada de São Januário, que pode facilmente ser reconfigurada para outros clubes brasileiros: as torcedoras independentes, organizadas e filiadas. Importante compreender que as nomenclaturas escolhidas também são fruto de uma tentativa de afastar a caracterização feminina de juízo de valor, entre as próprias torcedoras frequentadoras, e de terminologia já consagrada a uma categoria de avaliação. Ou seja, não atribuímos torcedora comum, por acreditar que sua oposição não é verdadeira e toda forma de participação do torcer é igualmente relevante para o clube. Além disso, a escolha do termo afiliada para torcedoras membro de torcidas barra bravas passa pela complexidade de diferenciar torcedoras associadas quanto a sua relação institucional com o clube e a sua ligação com a torcida.

Podemos compreender que as mulheres torcedoras, filiadas e organizadas de futebol também são impactadas pelo processo civilizador do esporte, proposto por Norbert Elias (1993) e esclarecido por Richard Giulianotti (2014). Isto é, os arranjos de força na sociedade se relacionam na formatação da identidade torcedora. Assim, a aceitação da violência e a ideia de concordância na relação entre feminismo e torcida difere de acordo com o contexto social ao qual a mulher está inserido.

Além disso, o jogo é um “microcosmo da natureza fundamental da vida social” (GIULIANOTTI, 2014, p. 147). A categoria mulher e suas variações na sociedade estão presentes nas arquibancadas de São Januário. Portanto, é fácil perceber que a homogeneização da ideia de mulher torcedora é uma falácia, visto que, esta categoria é imbricada por diversas forças simbólicas de representação.

A mulher torcedora independente é caracterizada por aquela que, ou submete-se ao estigma de violência, ou não se liga a um grupamento torcedor por falta de disponibilidade para dedicar-se às demandas torcedoras. Ela prefere ter liberdade para aproximar-se ou afastar-se dos grupamentos torcedores nas arquibancadas do Vasco da Gama sem temor por repreensão. Além disso, elas se caracterizam por elevado nível de escolaridade, faixa etária variada e forte vinculação institucional democrática com a instituição (as sócias estatutárias).

A torcedora organizada caracteriza-se por ser uma mulher jovem, de até 30 anos, solteira, vinculada comercialmente com o clube, através do sócio torcedor, com frequência regular nos jogos do Vasco da Gama. Importante ressaltar que este tópico é diretamente impactado pela política de punição das torcidas organizadas. Além disso, 75% declaram que a torcida é um ambiente hostil a sua presença, apesar de também atuarem em atos de brigas e desordem nos estádios. Corroborando com o imaginário violento relacionado às torcidas organizadas, principalmente jovem, de futebol.

Já as torcedoras filiadas possuem forte relacionamento institucional comercial e democrática com o clube, 75% sócias torcedoras e 25% sócias estatutárias. São mulheres solteiras, entre 15 e 30 anos, com escolaridade entre ensino médio e pós-graduação. Além disso, essas mulheres possuem forte ligação política, por ser membros também de movimentos ideológicos do clube como Vascaínas Contra o Assédio e Vascomunistas.

Ademais, a categoria de mulheres torcedoras e aliadas a um grupo político também é uma configuração identitária que precisa ser observada com maior atenção pelo discurso acadêmico. Afinal, o futebol é um microcosmo da sociedade e reflete as configurações do contexto social ao qual está inserido.

Portanto, podemos afirmar que as identidades femininas nas arquibancadas são múltiplas e não cabe uma massificação da categoria na representação de mulher feminina, torcedora, dócil, que repudia a briga de torcida e entende a sua presença nos estádios de futebol como um ato de resistência feminista. A mulher, bem como ocorre em outros espaços sociais, é uma categoria variante e múltipla. Ou seja, do mesmo modo que não existe uma configuração de mulher uma, não existe uma única identidade de mulher torcedora de futebol nas arquibancadas.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Daniela Torres de. A mulher em The Real Football Factories: Uma análise crítica das representações. *XV Póscom – Narrativas comunicacionais: a midiatização das emoções*. PUC-RJ, 2018

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização*. Zahar, 1993.

GIULIANOTTI, Richard. Civilizing games: Norbert Elias and the sociology of sport. In: GIULIANOTTI, Richard. *Sport and modern social theorists*. Palgrave Macmillan, London, 2004. p. 145-160.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. [et al]. *A torcida brasileira*. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2012.

INGHAM, Alan G. The sportification process: A biographical analysis framed by the work of Marx, Weber, Durkheim and Freud. In: GIULIANOTTI, Richard. *Sport and modern social theorists*. Palgrave Macmillan, London, 2004. p. 11-32.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 104, p. 75-83, 2010.

MALAIÁ, João MC. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910 – 1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de [et al.]. *A torcida brasileira*. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2012.

PFISTER, Gertrud; LENNEIS, Verena; MINTERT, Svenja. Female fans of men's football—a case study in Denmark. *Soccer & Society*, v. 14, n. 6, p. 850-871, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

Recebido em 25 de junho de 2020

Aprovado em 5 de maio de 2022